

áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 8



História da Filosofia

FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

Áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 8



HISTÓRIA DA FILOSOFIA



Série: Áreas da Filosofia, n.º 8 | Filosofia Contemporânea

Seleção: Emília Laranjeira

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

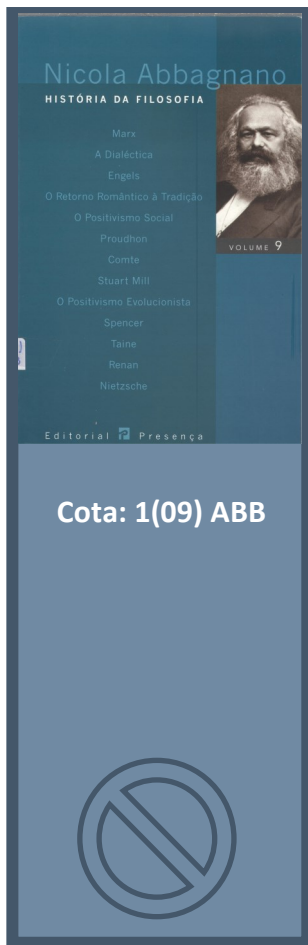
Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2016

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Filosofia, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Filosofia* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial e requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online* que podem servir de ponto de partida para explorações / estudos mais aprofundados.

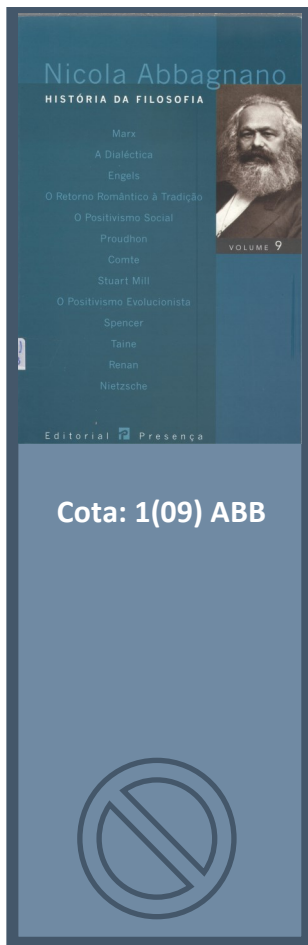
À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas serão atualizadas.



O positivismo é o romantismo da ciência. A tendência própria do romantismo para identificar o finito com o infinito, para considerar o finito como a revelação e a realização progressiva do infinito é transferida e realizada pelo positivismo no seio da ciência. Com o positivismo a ciência exalta-se, apresenta-se como a única manifestação legítima do infinito e, assim, assume um caráter religioso, pretendendo suplantar as religiões tradicionais.

O positivismo é parte integrante do movimento romântico do século XIX. Que o positivismo seja incapaz de fundar os valores morais e religiosos e, especialmente, o próprio princípio de que dependem, a liberdade humana, é um ponto de vista polémico, que a reação antipositivista, espiritualista e idealista da segunda metade do século XIX fez prevalecer na historiografia filosófica. Assim se pode considerar justificado, no todo ou em parte, este ponto de vista... (p. 70)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (4.^a ed.) (Vol. 9). Lisboa: Presença.



Cota: 1(09) ABB

... Mas é fora de dúvida que, nos seus fundadores e nos seus epígonos, o positivismo se apresenta como a exaltação romântica da ciência, como infinitização, como pretensão a valer de única religião autêntica e, por conseguinte, como único fundamento possível da vida humana individual e social. O positivismo acompanha e promove o nascimento e a afirmação da organização técnico industrial da sociedade, fundada e condicionada pela ciência. Exprime as esperanças, os ideais e a exaltação otimista que provocaram e acompanharam esta fase da sociedade moderna. O homem, nesta época, julgou ter encontrado na ciência a garantia infalível do seu próprio destino. Por isso rejeitou, considerando-a inútil e supersticiosa, toda a garantia sobrenatural e pôs o infinito na ciência, encerrando nas formas desta a moral, a religião, a política, a totalidade da sua existência. (p. 70)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (4.^a ed.) (Vol. 9). Lisboa: Presença.



O Positivismo é muito mais do que uma teoria do saber. Comte pretendeu ser, não apenas um sábio, mas também um reformador da vida humana em todos os seus aspetos e da sociedade. A necessidade desta reforma parecia seguir-se: a) do que significara a Revolução e das consequências que se lhe seguiram na organização da sociedade; b) da situação criada pela indústria e das possibilidades que a organização industrial e científica proporcionavam para estruturar de forma diferente a sociedade a criar.

Consequências da Revolução

A Revolução viera arruinar, por um lado, um regime político (o «antigo regime»), mas também um regime religioso e a função orientadora que a religião e a teologia exerciam na justificação e organização do regime político: viera arruinar, além disso, a estrutura social, no que foi ajudada pelo fenómeno económico-social que foi a indústria... (p. 21)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia: Filosofia Contemporânea* (Vol. 3). Lisboa: Edições 70.



... Esta estrutura social foi tanto mais abalada, quanto se dissolveu, por um lado, um importante fator integrador, como vinha sendo a religião, e, por outro, decorridos os primeiros otimismo da industrialização depressa cresceu o antagonismo social, por causa do modo e das relações de vida derivados da sociedade industrial. A anarquia e o caos, propiciados pela Revolução, cresceram e mantiveram-se como consequência, aliás, da interpretação que o Iluminismo fizera da razão, uma razão que exigia o livre exame, que defendia a independência do indivíduo, que fundava teoricamente o valor da liberdade e que assumia como razão crítico-argumentativa contra a ordem estabelecida, se esta não realizava tais exigências racionais. De tudo isto se seguia a rutura da antiga unidade social e o desajustamento e crise da sociedade... (p. 21)

Navarro Cordon, J. M. & CalvoMartinez, T. (1990). *História da filosofia: Filosofia Contemporânea* (Vol. 3). Lisboa: Edições 70.



... Mas a indústria encerra e implica:

a) que o homem pode e tem de transformar a natureza. Isso significa, por um lado, a potenciação da dimensão prático-dominadora do homem e da sua razão, uma razão prática enquanto operativa instrumental; atitude que Bacon já assinalara e que prossegue o lema cartesiano: «chegar a conhecimentos que sejam mui úteis para a vida e que, em lugar desta filosofia especulativa, se possa encontrar uma filosofia prática, por meio da qual... nos tornemos donos e senhores da natureza». E significa, por um lado, uma mudança da ideia da Natureza, convertida agora em meio ou em material de trabalho.

b) A redução do saber a ciência físico-natural. E isso em estreita relação com,

c) a técnica como apropriação da ciência e como interpretação prático-instrumental da razão; e na forma determinada que é a técnica maquinista. (p. 22)

Navarro Cordon, J. M. & CalvoMartinez, T. (1990). *História da filosofia: Filosofia Contemporânea* (Vol. 3). Lisboa: Edições 70.



A historicidade e a relatividade dos fenómenos históricos chocam-se, segundo Dilthey, com a própria filosofia. A filosofia é historicamente condicionada, do mesmo modo que qualquer outro produto do homem, e as suas formas históricas são, por isso, diferentes e irreduzíveis entre si; mas, por outro lado, a sua consideração histórica mostra que existem em todas as filosofias «traços de natureza formal» que são essencialmente dois: toda a filosofia se baseia, em primeiro lugar, na totalidade da consciência e procura, partindo desta base, esclarecer o mistério do mundo e da vida; e, em segundo lugar, toda a filosofia tenta alcançar uma validade universal. Devido à primeira característica, a filosofia é uma intuição do mundo e apresenta, portanto, uma forma fundamental comum com a religião e a arte. De facto, em cada momento da nossa existência está implícita uma relação da nossa vida singular com o mundo que nos rodeia como uma totalidade intuída... (p. 176)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (4.^a ed.) (Vol. 10). Lisboa: Presença.



... A intuição filosófica do mundo distingue-se da religiosa pela sua validade universal e da artística por ser uma força que quer reformar a vida. Quando a intuição do mundo é compreendida concetualmente, ficando assim definida e dotada de validade universal, recebe o nome de metafísica. A metafísica pode ter infinitas formas que diferem entre si por diferenças substanciais ou acidentais, contudo, podem distinguir-se alguns tipos fundamentais, que se radicam nas diferenças decisivas das várias intuições do mundo. Estes tipos são três:

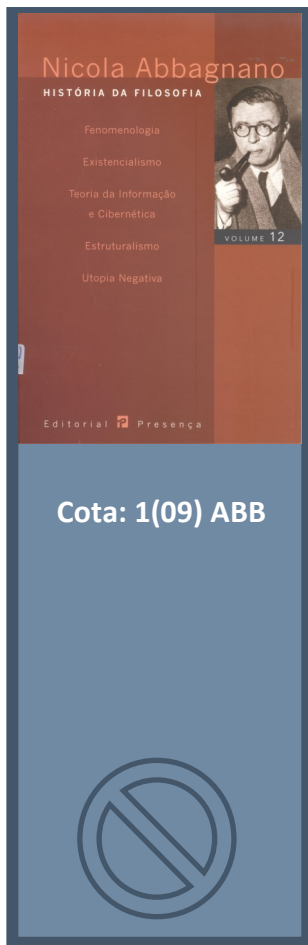
O primeiro, é o do naturalismo materialista ou positivista (Demócrito, Lucrécio, Epicuro, Hobbes, os Enciclopedistas, os materialistas modernos, Comte). Esta intuição do mundo baseia-se no conceito de causa e, portanto, da natureza como conjunto de factos que constituem uma ordem necessária. Na natureza assim entendida não há lugar para os conceitos de valor e de fim, e a vida espiritual aparece, forçosamente, como «uma interpelação na contextura do mundo físico»... (p. 176)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (4.^a ed.) (Vol. 10). Lisboa: Presença.



... Cada tipo emprega um facto último de consciência, uma categoria. O materialismo, a categoria de causa; o idealismo objetivo, a categoria de valor; o idealismo subjetivo, a categoria de finalidade. Cada uma destas categorias fundamentais é uma relação entre o homem e o mundo; mas não é possível uma relação total que resulte do conjunto destas três categorias. Isto significa que a metafísica é impossível: deverá, com efeito, tentar unir ilusoriamente tais categorias ou mutilar a nossa relação vivida com o mundo, reduzindo-a a uma só delas. A metafísica é impossível mesmo no âmbito de cada um dos três tipos fundamentais, já que não é possível determinar a unidade última da ordem causal (positivismo), nem o valor incondicionado (idealismo objetivo), nem o fim absoluto (idealismo subjetivo)... (p. 177)

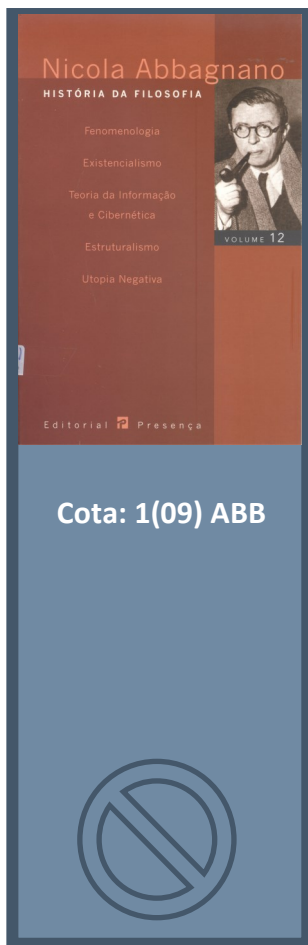
Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (4.^a ed.) (Vol. 10). Lisboa: Presença.



Características do existencialismo

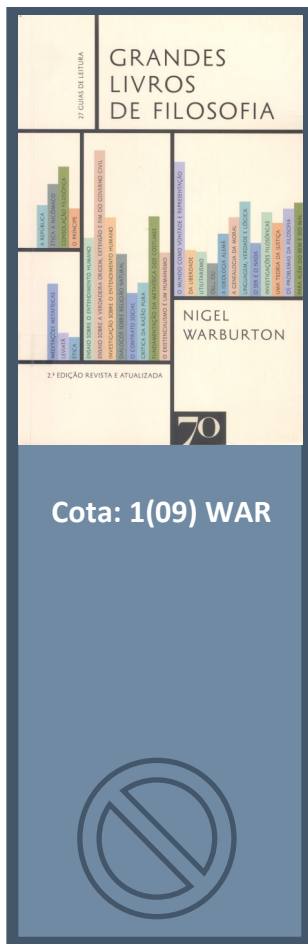
Deve-se entender existencialismo qualquer filosofia que seja concebida e se exerça como análise da existência, desde que por «existência» se entenda o modo de ser do homem no mundo. O existencialismo é assim caracterizado, em primeiro lugar, pelo facto de questionar o modo de ser do homem; e, dado que entende este modo de ser como modo de ser no mundo, caracteriza-se em segundo lugar pelo facto de questionar o próprio «mundo», sem por isso pressupor o ser como já dado ou constituído. A análise da existência não será então o simples esclarecimento ou interpretação dos modos como o homem se relaciona com o mundo, nas suas possibilidades cognoscitivas, emotivas e práticas, mas também, e simultaneamente, o esclarecimento e a interpretação dos modos como o mundo se manifesta ao homem e determina ou condiciona as suas possibilidades... (p. 45)

Abbagnano, Nicola (2001). *História da filosofia* (4.^a ed.) (Vol. 12). Lisboa: Presença.



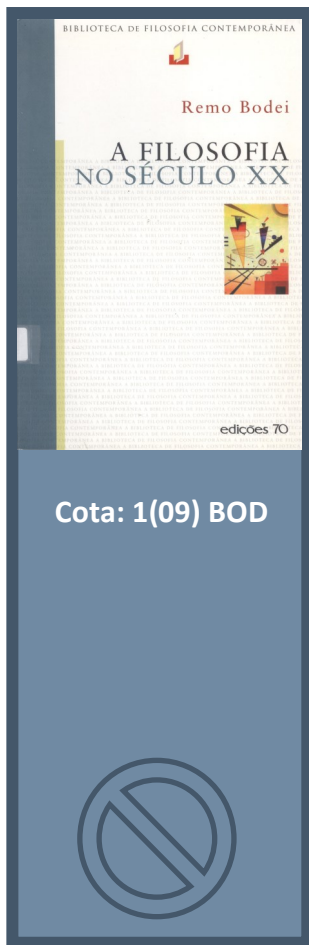
... A relação homem-mundo constitui assim o tema único de toda a filosofia existencialista. No entanto, este tema é privado, no existencialismo, de qualquer característica idealista. O ser do mundo não está no homem, ou na consciência, não é «posto» pelo homem ou pela sua consciência, sendo antes um ser transcendente que se anuncia ou se manifesta como tal nas estruturas que constituem o homem. Por outro lado, estas estruturas são apenas os modos possíveis de o próprio homem se relacionar com o mundo e de agir ou reagir em relação a ele: por isso, uma outra característica fundamental do existencialismo é a de usar a noção de possibilidade na análise da existência; a existência é essencialmente possibilidade, e os seus constituintes são os modos possíveis de relação do homem com o mundo, isto é, as possibilidades de facto, bem determinadas, de tal relação... (p. 45)

Abbagnano, Nicola (2001). *História da filosofia* (4.^a ed.) (Vol. 12). Lisboa: Presença.



... Sartre adota uma posição extremada no que diz respeito à questão da liberdade individual, ignorando qualquer teoria que defenda que os seres humanos são inteiramente moldados pela sua herança genética e pela sua educação. Para Sartre, os seres humanos são caracterizados pela sua capacidade para escolher aquilo em que se tornam. Contudo, Sartre não deixa de sublinhar que as coisas não se processam de forma assim tão simples: a consciência humana está, constantemente, no limiar do que o filósofo designa por má-fé, que é, em essência, a negação da liberdade individual. (p. 293)

Warburton, Nigel (2013). *Grandes livros de filosofia*. Lisboa: Presença.



Demos agora um passo atrás no tempo para ver como os “filósofos puros” encararam a relação sujeito-objeto – o olhar e a coisa – e tentaram fundar novas certezas. Tomemos, de novo, como ponto de partida, Husserl, no qual a superação do psicologismo, do relativismo historicista e da oposição sujeito-objeto se alcança graças a uma complexa estratégia cognoscitiva que introduz a consciência comum no saber científico, a orienta para pontos de vista mais altos, arrancando-a, não sem violência, à sua espontânea atitude naturalista, para a qual a realidade está simplesmente diante de nós, e nada mais se deve fazer exceto refleti-la. Mas “uma realidade absoluta vale tanto como um quadrado redondo”. Realidade e mundo são, para nós, títulos de determinadas unidades de “sentido”, relativas a determinados nexos significativos da consciência pura, os quais conferem justamente este sentido e não outro e revelam a sua validade... (p. 131)

Bodei, Remo (2005). *A filosofia no século XX*. Lisboa: Presença.

History of Philosophy
without any gaps

Buy the book

All Episodes

Classical ▾

Later Antiquity ▾

Islamic World ▾



Episodes

Blog posts

Comments

Twitter

History of Philosophy without any gaps
Kings Collage London
[clique na imagem para aceder ao recurso]



History of Philosophy
without any gaps

Home

All Episodes

Classical ▾

Later Antiquity

All Episodes

All episodes published so far are listed below, or for lists of episodes relevant introductory pages:

Episodes 1 - 14: The Presocratics



- 1 - Everything is Full of Gods: Thales
- 2 - Infinity and Beyond: Anaximander and Anaximenes
- 3 - Created In Our Image: Xenophanes Against Greek Religion
- 4 - The Man With The Golden Thigh: Pythagoras

History of Philosophy without any gaps
Kings Collage London
[clique na imagem para aceder ao recurso]





Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2017